

Egreja do Senhor da Cruz e campo da Feira, em Barcellos

Notavel entre as povoações do nosso paiz pela belleza da sua situação, e pelas formosas e ridentes paizagens que a circundam por todos os lados; memoravel em nossos annaes por muitas tradições de antigas eras, de que ainda conserva curiosos monumentos; tambem figura a nobre villa de Barcellos nos fastos religiosos de Portugal por uma lenda milagrosa de tal singularidade, que não ha outra egual em todo o reino. É o celebre milagre das santas Cruzes que appareceram pela primeira vez no *campo da Feira* no dia 20 de dezembro de 1504.

O padre Cardoso, no seu *Diccionario Geographico*, diz o seguinte a respeito d'este successo: «N'este campo da Feira, no circuito da egreja, se vê cada anno o celebre milagre das Santas Cruzes (que testimunha todo o reino, e que escrevem auctores fidedignos), começando a apparecer em maio, nas vesperas da sua Invenção, e muitas vezes em setembro, nas vesperas da Exaltação, e duram cinco e seis dias. O modo com que apparecem é de cruzes ordinarias, de côr negra; o tamanho da haste maior que uma braça, os braços em boa proporção. Mostram-se á flor da terra, e cavando-a, vão sempre mostrando a mesma fórma. Teve principio este admiravel apparecimento aos vinte de dezembro de 1504, uma sexta feira, pela manhã, tempo em que foi achada a primeira cruz que se viu estampada milagrosamente na terra, no sitio em que hoje está a imagem de Christo Senhor Nosso com a cruz ás costas. Tirou-se um instrumento authentico e juridico d'esta milagrosa apparição, que aqui damos para corroborar mais a verdade do que dizemos, e é a seguinte certidão:»

Omittimos este documento por ser muito extenso. Podem os curiosos lêl-o no tomo II do citado diccionario a pag. 44. Refere-se n'elle o modo por que appareceu a primeira cruz, como se divulgou a noticia na villa, e a solemne procissão com que se celebrou o milagre, indo os conegos da collegiada de Santa Maria Maior, confrarias, cleresia, fidalgos, e povo da villa plantar uma grande cruz de pau junto da que apparecêra figurada na terra.

Este successo deu origem á fundação de uma ermida no mesmo campo da Feira, edificada á custa de esmolas, a qual foi no seculo passado reconstruida desde os alicerces em mais larga área, ficando um bello templo na fórma em que o representa a nossa gravura. É oitavado, com tres portas que deitam para um adro lageado, e guarnecido de pedestaes com seus globos. As oito faces são divididas por pilastras de granito, que é a pedra de que está fabricado o templo. Sobre a porta principal ergue-se uma pequena torre, junto da qual vem terminar a balaustrada que coroa o edificio, e que é decorada com pyramides correspondentes a cada uma das pilastras. O telhado, de fórma pyramidal, remata em uma cúpula pequena, mas graciosa.

Interiormente nada tem de notavel em sua fabrica. Os altares são ornamentados com obra de talha doirada. O maior é dedicado ao Senhor da Cruz, cuja é a invocação da egreja.

Está situado este templo no campo da Feira, como acima dissemos, mas a um lado d'elle, e tão proximo das casas que por essa parte o guarnecem, que apenas fica de permeio o espaço de uma rua estreita. Entretanto, o campo é vastissimo, e o sitio formoso como poucas terras do reino possuirão outro tão bello.

O *campo da Feira* era outr'ora suburbio da villa, chamado *arrabalde de cima da villa*, mas contiguo ás muralhas que sobre elle tinham o *postigo da Feira*, e uma das duas elevadas torres que as fortaleciam.

A povoação no seu crescimento rompeu a cêrca que a apertava, e estendeu-se por um lado do campo da

Feira, em todo o seu comprimento. Desappareceu aquelle lanço da muralha com o seu postigo, mas ficou de pé a torre, que ainda se conserva em excellente estado, graças á circunstancia de servir de cadeia publica. Se não fóra esta salvaguarda ha muito que teria tido a sorte de sua irmã, que defendia a ponte e o paço dos duques de Bragança, e que foi derrubada para dar mais alguns palmos á rua que serve de entrada á villa a quem a demanda vindo pela estrada do Porto. E ainda assim, não nos parece que esteja segura de proscripção, pois que, visitando nós Barcellos em novembro de 1864, ouvimos, com bastante pezar nosso, manifestarem-se desejos de que fosse derrocada aquella antigualha, obra do primeiro duque de Bragança, D. Affonso, e um dos principaes monumentos da villa!

Esta grande torre, com as suas janellas ogivaes, e coroa de ameias, occupa uma boa parte do lado do campo que se communica com a antiga povoação. No outro topo do campo está o extincto convento de freiras benedictinas, que, com o titulo de recolhimento do Menino-Jesus, foi fundado na primeira metade do seculo passado, por uma preta chamada Victoria, escrava de Bento Ferreira Gomes, com esmolas que obteve. A egreja acha-se a cargo de uma irmandade do terço.

O lado do mesmo campo, fronteiro á casaria que vae correndo junto do templo do Senhor da Cruz, é o mais alegre e pittoresco. Alternam-se n'elle com o arvoredo dois edificios religiosos: o extincto *convento de S. Francisco*, que foi de frades capuchos da provincia da Soledade, edificado em 1649 com esmolas do povo, e a egreja da ordem terceira. No primeiro acha-se estabelecida a casa e o hospital da misericordia. Este ultimo é muito aceiado e bem servido. Separa os dois edificios uma frondosa matta, que era a cêrca do convento, e que hoje pertence á misericordia. É um passeio muito agradavel, pois que a cortam, cruzando-se, largas e bem alinhadas ruas, toldadas por diversas especies de arvores.

Desde a egreja dos terceiros até á torre da cadeia corre por quasi todo esse espaço um muro baixo, decorado com varias pyramides de pedra, altas e esbeltas, e com dois porticos tambem de pedra e elegantes, com seus ornatos architectonicos. Por detraz do muro e dos porticos desce o terreno até formar um valle; e toda esta encosta é povoada de arvores que vem fazer sombra ao muro e aos porticos, mas não tão espessas que não deixem desfructar de quem passeia no campo a collina d'além do valle, toda verdores, e mais longe montes sobre montes cobertos de bosques.

Aquella obra dos muros e dos porticos foi o principio de um projectado passeio, que, infelizmente, não teve seguimento; mas que, ainda assim, dá muito realce ao sitio.

Finalmente, no meio do campo ergue-se um bonito chafariz com duas taças.

N'este campo faz-se um mercado semanal, que é dos mais importantes e concorridos que ha no reino. Tambem n'elle se faz uma feira annual, por occasião da festividade do Senhor da Cruz. Porém é uma feira de arrayal, apenas notavel pelo grande concurso de povo que attrahe de muitas legoas em derredor.

A nossa gravura, copiada de uma photographia do sr. Seabra, não dá idéa alguma das bellezas da situação, porque estas foram sacrificadas ao pensamento de representar na photographia a frontaria do templo. O ponto de vista opposto a este é de um effeito maravilhoso; porque abrange no mesmo quadro o chafariz, o templo, pelas trazeiras, a torre da cadeia, e os porticos acima referidos com o arvoredo que os acompanha, e parte do panorama que além d'elles se dilata.

I. DE VILHENA BARBOSA.

FRANCISCO VIEIRA PORTUENSE

ESBOÇO BIOGRAPHICO

(Conclusão. Vid. pag. 50)

VI

Deixando nos precedentes capitulos compendiado o que de mais notavel e interessante se nos deparou, relativamente aos factos e particularidades da vida de Vieira, resta, para melhor satisfação do nosso proposito, que não levantemos mão do trabalho sem ajuntar ao expendido algumas palavras, com que aquilatemos o merito do insigne portuense. Servir-nos-ha de guia n'esta parte a opinião de quem, por sua inquestionavel competencia na materia, póde ter voto auctorisado, e como que decisivo.

O sr. conde Raczynski, pretendendo estabelecer uma especie de parallelo, ou termo de comparação, entre Vieira e as duas maiores celebridades que Portugal tem modernamente produzido na arte da pintura, expressa-se a este respeito, pouco mais ou menos, do modo que para aqui transcrevemos:

«Vieira, contemporaneo e émulo de Domingos Antonio de Sequeira, estava, quanto ao talento, em grão inferior a este; mas, por compensação, era incapaz de cair nos desvios em que, não poucas vezes, incorreu o seu antagonista. Sequeira, na maior parte de seus grandes quadros, offende as leis do gosto; o que Vieira, em suas modestas tendencias, e na sua marcha reflectiva, jámais fez. Vieira soube conservar-se fiel ao estilo historico e religioso, inspirando-se dos exemplos das escholas italianas. Sequeira extrahia da sua alma ardente inspirações novas; porém não soube escolher a direcção que convinha dar de preferencia a suas emoções artisticas senão depois de haver-se transviado por muito tempo nas veredas mais oppostas, depois de um renhido combate, de uma lucta interior, que n'elle se prolongára durante sessenta annos. É para notar que elle só póde levantar um vôo alto e arrojado quando os seus sentimentos se haviam de todo convertido á fé religiosa, e isto em uma edade já muito adiantada. Vieira não obteve elevar-se, em verdade, a tamanha altura, e duvido mesmo que na sua carreira chegasse a conseguil-o com vantagem, por mais longa que ella fosse. Mas suas tendencias foram sempre louvaveis, e deram resultados sempre satisfactorios.

«Vieira Portuense é tambem pouco comparavel a Vieira Lusitano. Predominavam nos dois artistas naturezas mui diversas. O Lusitano seguia uma direcção mais determinada e mais classica, sem comtudo attingir os sublimes modelos da epocha dos Medicis. O Portuense, em cuja natureza artistica havia menos energia, e cujas disposições eram mais modestas, se por uma parte buscava aproximar-se de tão excellentes prototypos, sentia em si por outra a influencia da arte moderna; ensaiava-se em generos diversos, e imprimia em todas as suas obras a expressão da doçura, da amabilidade e da suave melancolia, que parece haverem sido os sentimentos caracteristicos da sua indole.»

Já alludimos acima á facilidade maravilhosa com que, para o dizer assim, o Portuense improvisava os seus quadros. Agora accrescentaremos que, se devemos credito ao testimunho dos biographos contemporaneos, elle fallava com a mesma facilidade as linguas principaes e mais cultas da Europa, e possuia perfeitamente a historia das bellas artes, a ponto de *não haver n'esses conhecimentos quem o egualasse em Portugal* [1].

[1] São palavras textuaes do Villela da Silva.

VII

Os trabalhos que nos restam d'este genio mallogrado, e que recommendam seu nome á admiração dos vindouros, são escassos em numero, mas sobresaem em qualidade. Bem quizeramos fazer distincta, posto que breve, commemoração de todos; porém temos de limitar-nos aos de que houvemos conhecimento ou noticia. Da grande cópia de Corregio, e dos quadros originaes de *Vasco da Gama*, *D. Ignez de Castro* [1], *D. Filippa de Vilhena*, *Viriato*, *e Descendimento da Cruz* [2], tivemos occasião de fallar nos capitulos anteriores. Egualmente dos onze esboços pintados a oleo, e representativos de outras tantas scenas ou passos dos *Lusiadas*. Cumpre agora addiccionar a estes os seguintes:

1.° Um *S. Sebastião*, que diz Cyrillo se conservava na galeria do marquez de Borba; e que, a ser assim, pertencerá hoje aos herdeiros d'aquella exc. casa.

2.° Um quadro a oleo, representando uma *saloia* de capa e lenço na cabeça. Pertencia á casa dos exc. condes de Anadia.

3.° O esboço a oleo do quadro de *Viriato*. Tem-n'o o sr. Silva Oeirense.

4.° *Venus e Amor*, em uma paizagem no estilo das de Albano. Este quadro encantador, de que ha uma boa gravura feita por Bartholozzi, pertence tambem á casa de Anadia.

5.° Uma paizagem, qualificada de excellente, que, segundo nos informa o sr. abbade de Castro, existe em poder dos herdeiros do sr. Antonio Ribeiro Neves.

6.° Outra do mesmo genero, de que é possuidor o nosso respeitavel e prezado consocio, o sr. conselheiro Joaquim Pedro Celestino Soares; noticia que por elle proprio nos foi communicada.

Todos os referidos, e porventura mais alguns que ignoremos, se conservam em Lisboa. Na cidade do Porto havemos noticia das seguintes producções do pincel do seu illustrado filho:

Quatro quadros de altar, que se acham collocados na capella da ordem terceira de S. Francisco, representando:

1.° *Santa Margarida*, confessando-se em artigo de morte a um frade franciscano.

2.° *Nossa Senhora da Conceição*.

3.° *Santa Isabel*, distribuindo esmola aos pobres.

4.° *S. Luiz, rei de França*, em oração.

No sentir do sr. Raczynski, o primeiro é de todos o melhor, e o ultimo o mais fraco. Revela-se, porém, em todos o caracter de sensibilidade e os sentimentos piedosos do artista; o colorido, com quanto seja debil, é, todavia, harmonioso; finalmente, julga-os dignos de toda a consideração.

Ha no museu portuense um quadro de *Christo crucificado*, outro de *S. João*, e a *Adoração do Santissimo* [3]; e afóra estes duas bellas paizagens, das quaes uma representa *uma mulher com um menino*, que parece defender contra o ataque de alguns malfeitores.

Lord Howard de Walden, embaixador que foi de Inglaterra n'esta corte, possuia á sua parte, e com muito apreço, varios desenhos de Vieira, nos quaes, segundo a affirmativa do citado sr. Raczynski, se divisa um sentimento artistico mais puro e mais elevadó que o de Sequeira. Tão avantajado conceito é sobremaneira honroso para o insigne portuense.

[1] Eis o que, a respeito d'este quadro, se lê em Taborda: «Parece que o artista empenhou aqui todos os preceitos da arte para representar uma scena, que ainda hoje commove os coracões mais frios e insensiveis... Tudo n'este magestoso quadro é digno do seu auctor; tudo proprio do assumpto que representa, dispertando no animo dos espectadores os sentimentos mais ternos e compassivos.» — Cyrillo diz em geral: «Não sabemos se as poucas coisas que deixou nos servem de recreio quando as vemos, pela graça com que são feitas, ou de mágoa, pela renovação da saudade que temos do seu auctor.»

[2] É esta, na opinião do sr Raczynski, uma das melhores producções que elle viu do estimavel artista. Ainda que a composição nada apresente de notavel em objecto que tantas vezes ha sido tratado, distingue-se, comtudo, pelo desenho e execução, dignos de todo o louvor. O colorido é agradavel e proporcionado, e toda a obra executada em um estilo que, sem poder qualificar-se de grandioso, bem póde dizer-se correcto e irreprehensivel, accusando no auctor cuidado, bons estudos e tendencias judiciosas.

[3] D'este só achámos menção na *Miscellanea Litteraria* (jornal do Porto, publicado em 1860), á pag. 70.

VIII

Remataremos, em fim, estes apontamentos com a indicação das fontes que consultámos, e das quaes, na maior parte, os extrahimos. Com ellas auctorisâmos a nossa narrativa, menos no que diz respeito a alguns factos e noticias, em que a critica houve de discriminar entre asserções encontradas, ou que appareceram contradictadas por informações dignas de inteiro credito.

Regras da arte da pintura, etc., por José da Cunha Taborda. Lisboa, 1815. — De pag. 243 a 248.

Collecção de memorias relativas ás vidas dos pintores, etc., por Cyrillo Wolkmar Machado, publicadas posthumas pelo conego Villela da Silva. Lisboa, 1823. — De pag. 139 a 142, e ainda a pag. 289 e 280.

Essai statistique sur le royaume de Portugal, por Adr. Balbi. Paris, 1822. — No t. II, pag. CXCV.

Observações criticas sobre alguns artigos do Ensaio de Balbi, por Luiz Duarte Villela da Silva. Lisboa, 1828. — Na pag. 120.

Les arts en Portugal, par le comte Raczynski. Paris, 1846. — A pag. 270, 285, 382 e 385.

Dictionnaire historico-artistique du Portugal, par le même. Paris, 1847. — A pag. 299 e 300 (traducção fiel do artigo de Cyrillo na obra supra indicada), e pag. 301 e 302.

Fazem tambem memoria, posto que brevissima, de Vieira os seguintes:

Jornal de bellas artes, ou Mnemosine Lusitana. Lisboa, 1817. — No t. II, pag. 39.

Ensaio sobre a arte da pintura, que anda appenso ao *Retrato de Venus*, por A. Garrett. Coimbra, 1821; ou Rio de Janeiro, 1861, a pag. 157.

INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.

CARTAS A UMA SENHORA

OS COMETAS

I

Senhora minha. Volto ainda aos pés de v. exc., consagrando-lhe um pequeno estudo sobre os cometas, que tanta admiração lhe causam sempre, quando acerta de os contemplar na abobada do ceo. Acceitou v. exc. com tanto carinho e entranhado amor as minhas precedentes cartas sobre as perolas, e de tal sorte tem instado commigo, exigindo novas cartas, que chegou a influir-me forças e brios para continuar a obra encetada, e perseverar no empenho, acaso superior ás minhas posses, de divulgar alguns segredos da sciencia, que muito importa que sejam conhecidos de todos.

Conforme ousei confessar a v. exc., não posso eu obedecer a regras de methodo e connexão de trabalho. Eu não escrevo livros, senão cartas, que v. exc. se digna acceitar... e ler ás vezes, quando quer matar o tedio com um tedio maior. É o caso da triaga, ou da homœopathia. *Similia cum similibus curantur*.

Fallarei, pois, dos cometas hoje, d'essas perolas do ceo, diaphanas e opalinas, como as perolas da terra, que v. exc. tanto préza. Amanhã fallarei de outra coisa, se assim lhe aprouver, tentarei seguir o exemplo de v. exc., que borboleteia por aqui e por alli,

com todo o desafogo da mocidade e da belleza, ora colhendo as rosas da campina, ora desfolhando as violetas da floresta umbrosa; já admirando as saxifrageas das montanhas alpestres, já os nenuphars gentis do lago; sugando o nectar de todas as flores, e libando-o como se fôra ambrosía olympica. É v. exc. a minha phantasia, que faz tudo á sua guisa, sem se importar com os dictames da philosophia convencional, os quaes sempre e em toda a parte só servem para tolher os vôos de imaginação, e empanar o brilho da intelligencia.

Obedeça v. exc. á minha phantasia, se quer ser obedecida, se não... não, como diziam os homens livres do livre Portugal.

II

Imagine v. exc. o primeiro dia da humanidade, assim como fez Pelletan em um dos seus livros admiraveis.

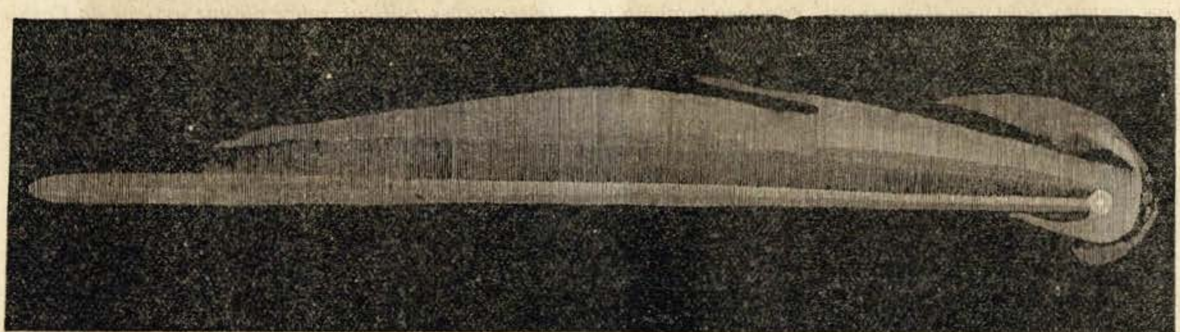
Imagine o homem, anachoreta do grande cenobio — a terra — erguendo com pasmo e admiração os olhos para o ceo, para esse vasto repositorio de maravilhas e esplendores.

Esmagado pelo espectaculo augusto da natureza, curvou-se submisso, tremeu, ajoelhou, idolatrou. Adorou o Creador nas suas grandes obras, e esquecendo, por fim, a causa, só se lembrou dos effeitos que lhe fallavam aos sentidos.

Adorar, admirar, são dois sentimentos tão unidos, que existindo um, existe outro. Se um é sublime ou grutesco, grutesco ou sublime é o outro, e se por excepção deixa de haver esta ligação logica e necessaria, ficâmos tão espantados como se vissemos uma rosa, cheia de viço e frescor, espanejando as petalas aos raios da manhã, que dos mimosos seios não exhalasse uma fragrancia balsamica, singela e casta offrenda ao sorrir da aurora.

É por isso que o homem, depois de adorar, admirou, ou antes, adorou e admirou ao mesmo tempo. Assim se passou a infancia da humanidade, a *aurea ætas* dos velhos bardos da Grecia. Os astros eram então para o homem uns mythos cheios de magestade e grandeza, solemne cortejo do Olympo, mansão dos deuses e prazeres.

Só depois, quando todos estes sentimentos nativos, e acaso necessarios, se foram esvaecendo a pouco e pouco; quando a superstição, a poesia da ignorancia, começou a ser rasgada pela philosophia; quando a periodicidade dos phenomenos celestes captivou a attenção dos homens mais contemplativos,



Vista geral do cometa II de 1862

é que principiou a observação, fundamento unico e perduravel das sciencias naturaes, verdadeira alavanca de Archimedes, que levou o espirito humano a devassar com ousadia e pertinacia os mais intimos e recatados segredos da natureza. Correram seculos é seculos; milhares de gerações desappareceram do mundo, varridas pelo sopro da morte. A astronomia, a sciencia divina, como lhe chamava o divino Platão, foi progredindo, a principio com tardo movimento, estribando-se no empirismo, que é o alicerce de todas as sciencias.

Se v. exc. me exigisse que eu relatasse os progressos e adiantamentos da astronomia, ordenava-me ao mesmo tempo que affrontasse o impossivel! A historia da astronomia é a historia do homem; nasceu com elle, com elle se creou e se aperfeiçoou, e só com elle ha de morrer.

O primeiro homem que, ao sopro creador do Omnipotente, desabrochou na terra, vogando na torrente dos destinos, foi a um tempo o primeiro astronomo, astronomo pelo sentimento, pela ancia de contemplar os astros, esses lampadarios do firmento, de lhes adivinhar os segredos mysteriosos, e porventura as qualidades sobrenaturaes, os poeticos amores que os traziam em perpetuo enlevo, e que os obrigavam a voltarem a certos sitios do ceo em certas epochas.

N'essas coincidencias maravilhosas viram certamente os homens a imagem grandiosa das suas paixões e dos seus amores.

Quando os planetas se aproximam, como que confundindo as pallidas faces em osculos de amor, desentranhando-se em caricias e affagos, e vingando-se assim dos destinos que os trazem tão apartados, é provavel que algum trovador primitivo da Arabia-Petrea, algum pastor da Chaldéa dissesse á que lhe roubára a isenção, assim como tantos hão dito a v. exc.: «Não façamos como os astros, ó minha bella, que tão poucas vezes, no correr dos seculos, unem os rostos gentis em ancias de paixão. Vivamos sempre juntos até que juntos nos leve a morte á sepultura. Não sejas tão esquiva, ó bella, lembra-te que a tua lindeza e frescor são ephemeros, duram um dia; a tua vida não é eterna como a dos astros, que vivem no firmamento e divagam no infinito. Quando fores velha e alquebrada, quando, debruçada sobre o sepulchro, e desfolhada como o goivo funerario batido do vendaval, sentires os membros hirtos e rigidos, ai! então has de lastimar-te, já tarde e sem remedio, por não teres amado aquelle que por ti se definha á mingoa de caricias e meiguices.»

A astronomia e a poesia, minha senhora, ligaram-se a principio intima e amoravelmente.

A humanidade no berço sentia e não raciocinava, contemplava e não observava. Não sabendo estudar, tentava adivinhar.

E que outra coisa fazemos nós, crianças adultas em seculo já velho, quando nos brinquedos infantis acertâmos de alçar o rosto ao ceo, por uma noite serena e limpida? Que de pensamentos cheios de poesia nos sobem turbidos á mente, e vem quebrar-se contra os términos da imaginação, como as ondas do mar contra os rochedos da praia?

Que profundo scismar! Que aspirações infindas!

E depois, em annos mais crescidos, quando já sentimos no coração alvoroços da mocidade, quantas vezes não contemplâmos os astros, e não cuidâmos ver

em cada estrella que scintilla um olhar de amor, um prenuncio de prazer e ventura?

Que o digam os grandes astronomos, esses que com o poder da sciencia devassaram as regiões do espaço, as sombrias profundezas do firmamento! Que o digam os poetas, candidos sacerdotes da phantasia! Que o digam todos os que na infancia povoaram o ceo de illusões poeticas e fallazes, e que depois encheram o mundo com o seu renome! Que o digam, em fim, todos os que tentaram librar-se nas azas do genio, do finito para o infinito, da creatura para o Creador! Que o digam todas as crianças, tropel de anjos, genios embryonarios... que depois falseiam tantas vezes os seus destinos!

....

Mas é tempo de voltarmos ao assumpto, e v. exc. já mais de uma vez se admirou de que, propondo-me a fallar de cometas, ainda nem ao menos rompesse o meu discurso com um exordio digno de um habitante do Pindo e do Parnaso. Pois, minha senhora, tenho o desgosto de lhe annunciar que o meu *incipio* só tem logar no capitulo seguinte, e que me apraz fechar este, dizendo alguma coisa ácerca da astronomia em geral.

VISTAS DO COMETA II DE 1862 A HORAS DIVERSAS



N. 1 — Aspecto do nucleo do cometa, em 23 de agosto ás 9 horas da noite



N. 2 — Apparencia das partes mais brilhantes do nucleo em 23 de agosto á 1 hora da manhã



N. 3 — Apparencia das partes mais luminosas do cometa vistas pelo grande telescopio do sr. Foucault em 23 de agosto ás 9 horas da noite



N. 4 — Aspecto do cometa em 24 de agosto ás 9 horas da manhã

De todas as sciencias é ella acaso a que mais tem caminhado; é, na opinião auctorisada de Laplace, a unica sciencia, porque só ella prevê com segurança e bom exito os phenomenos que hão de acontecer, e conclue os que deviam de ter succedido nos tempos que foram. Em outra parte disse tambem Laplace: «*Par la dignité de ses théories l'astronomie est le plus beau monument de l'esprit humain.*»

Se eu não temêra escrever latim, de que v. exc. anda tão arredia, podia tambem aqui citar dois versos de Lucrecio, que deixo no tinteiro, Deus sabe com que custo! *Il est si doux de faire l'érudit!*

A exactidão é, pois, a feição principal da astronomia, é o seu caracter mais distinctivo e nobre, o qual lhe veiu depois dos maravilhosos trabalhos de Newton e Kepler, trabalhos que ainda hei de relatar, comparando estes dois grandes genios da sciencia.

Foram elles que descobriram as leis que regem os movimentos celestes, a elles cabe a honra de terem feito da astronomia *o mais bello monumento do espirito humano.*

III

Se v. exc. fosse uma marqueza de Mésengére, a quem o sarcastico Fontenelle dedicou o seu livro inclassificavel da *Pluralidade dos mundos*; se fosse uma marqueza de Chatelét, que ensinava os *Principios de Newton* a Voltaire (o qual tinha a fraqueza de querer ser encyclopedico, e que tão mal soube ser encyclopedista com Diderot e d'Alembert); se v. exc. fosse mesmo a celebre e hodierna m.elle Royer; se fosse, em fim, na sciencia uma *blue-stocking* (que os francezes traduziram *bas-bleu* e que nós traduzimos... *bas-bleu!* e digam ainda que os portuguezes não tem uma imaginativa creadora!), assim como ha tantas por ahi na litteratura, juro-lhe que fugia a sete pés. Mas é v. exc.

modêlo e exemplo de modestia e de talento; deseja instruir-se, e faz-me a honra de me tomar por mentor. Ruim mentor, certamente, mas cheio de boa vontade. As minhas fallencias suppril-as-ha v. exc. como quizer e poder.

E dadas estas explicações prévias, vamos fazer a colheita no ceo, principiando pelos cometas, por esses vassallos rebeldes e intrataveis, que zombam de astronomos e telescopios.

De todos os astros que povoam o espaço são estes os que tem dado origem a maior numero de hypotheses, cada qual mais arrojada, e porventura menos scientifica.

Quem quizesse dar-se ao improbo e curioso trabalho de compendiar todas essas theorias, escreveria uma bibliotheca, e citaria todos quantos nomes illustres ha na sciencia desde a mais remota antiguidade.

Ha pouco tempo ainda, li eu um livro sobre os cometas, e vi com pasmo reproduzidas, como coisa nova, todas as idéas dos philosophos gregos.

É escusado citar o nome do auctor, mas não é inutil resumir essas idéas.

Alguns philosophos consideravam os cometas como ficções e illusões opticas; eram um engano dos sentidos, e nada mais; eram, talvez, apparencia fallaz de algum corpo, ou mesmo effeito da reflexão dos raios solares através do espaço, como se fôra um espelho. Affirmaram outros que os cometas não eram senão o producto dos feixes luminosos de muitos planetas, cujo encontro, ou mesmo visinhança mui proxima, faziam confundil-os em um só corpo. Tal era a opinião de Anaxagoras e Democrito. Ninguem de boa fé póde acreditar hoje n'estas hypotheses, perante os descobrimentos da sciencia moderna, e se é necessario adduzir argumentos contra opiniões tão extravagantes, é facil encontral-os ao alcance de todos.

Assim é que uma existencia dilatada, como a dos cometas, não póde ser oriunda de simples apparencias, cujo caracter essencial é sem duvida a pouca duração, e a producção de phenomenos momentaneos e ephemeros.

É exactamente o contrario que se encontra nos cometas, por quanto todos as mudanças e alterações que elles manifestam, assim nas fórmas e contornos, como no brilho e intensidade da luz, sempre tem logar segundo leis continuas, dependentes da posição em que se acham, entre o sol e a terra. É tambem sabido que as imagens produzidas pela reflexão dos objectos mudam de posição com esses objectos. Seria pois necessario que os cometas tivessem movimentos comparaveis com os dos planetas, e que o espelho imaginario estivesse collocado de tal modo que a maioria dos corpos do firmamento podessem reflectir-se. Esta ultima hypothese presuppõe implicitamente a possibilidade de encontros entre os planetas, cujo numero devêra de ser superior ao que existe realmente, para que esses encontros se podessem dar.

Aristoteles, o creador de um systema philosophico, que teve tanta voga em longo periodo de seculos, para si tinha que os cometas eram apparições reaes, provenientes de exhalações que se elevam até ás regiões superiores da atmosphera, aonde se condensam e se inflammam, já por influencia dos astros, já pela influencia do movimento ou pela acção dos ventos contrarios.

Os cometas são pois um producto de combustão. Tanto que a terra não possa offerecer materia combustivel, acabará para logo o cometa, que se esvaece como fumo... que era.

Foi perniciosa a influencia dos peripateticos, já pela auctoridade do mestre, já pelo grande numero de discipulos que avassallaram todas as escholas philosophicas. A seita peripatetica affirmava, como dogma scientifico, que Marte e Saturno eram os geradores da substancia cometaria, em virtude da acção das forças contrarias e antagonicas. Marte tinha por officio alargar os poros da terra, para facilitar a saída das emanações, e Saturno, pelo contrario, esforçava-se em os condensar. Mal diriam os pobres planetas os tratos que Aristoteles lhes reservava! Tornal-os *intendentes* de emanações!

Affirmavam outrosim os peripateticos que as particulas tenuissimas que andam suspensas nos raios do sol, em virtude das correntes de ar, provenientes dos aquecimentos causados por esses raios, ao passarem por um orificio de uma camara escura, eram cinzas de um cometa consumido! Os bastos commentadores de Aristoteles, creaturas damninhas, espalharam mais extravagancias ácerca dos cometas, considerando-os como presagios de quanta desgraça acontece cá por este mundo.

Em relação á côr dos astros capillosos é melhor não fallar, para não apresentarmos uma longa litania de ruins qualidades. Assim é, por exemplo, que se o cometa tivesse uma côr branca, deviam necessariamente as pleuresias, as lethargias, etc., perseguir a pobre humanidade. Se o cometa fosse avermelhado, trazia nem mais nem menos que a febre amarella. Se o astro erratico fosse negro, gerava meteoros horriveis, que talavam os campos e trucidavam os homens, espalhando o espanto e a morte por sobre a terra, que se tornava em cemiterio!

Outras vezes era o cometa horrido indicio, implacavel presagio de um diluvio. Sempre que um acontecimento nefasto vinha perturbar a harmonia physica ou moral do mundo, não faltavam cometas, phantasmas celestes, que adejavam sinistros e ameaçadores, e vinham traçar nos plainos do firmamento o *Mane, Thecel, Phares* da humanidade, trilogia fatidica como a de Balthasar, apparição medonha como a estatua ameaçadora no festim de D. Juan.

O cometa foi por muito tempo o ergastulo moral do homem; foi o azorrague a açoitar-lhe a imaginação com a cauda brilhante; foi o prenuncio de todos os flagellos inevitaveis, a que não havia fugir. O cometa era o mensageiro do destino, inflexivel e fatal como elle.

Nas suas *Georgicas* relata Virgilio a morte de Julio Cesar em bellissimos versos, e não se esquece de mencionar o funebre apparecimento de um cometa fouveiro, com manchas côr de sangue. As guerras de Mahomet, o scisma de Henrique VIII, a conquista do Mexico, a peste de Florença, etc., foram predictas por cometas de differentes côres.

Era tão arraigada a crendice dos homens na influencia dos cometas, que um dos factos mais notaveis da historia proveiu talvez do apparecimento de um d'estes astros.

Não ignora v. exc. que *William the Conqueror* invadiu, á testa das rudes hostes normandas, a velha Inglaterra, e desthronando os thanes saxonios e o rei Haroldo, depois da malferida peleja de Hastings, assentou no throno a casa dos Plantagenetas, de que a rainha Victoria descende por sua mãe, segundo affirma mad. de Bury, muito lida em coisas genealogicas e heraldicas.

O cometa que appareceu no seculo XI (1066) foi o guia celeste dos normandos, *stella monstrante cometa*, como dizem as chronicas normandas, e como eu repito, louvando-me em Babinet, porque nunca as li.

É mais illustrado e mais septico o homem d'este seculo. Não acredita nas influencias cometarias, antes escarnece dos mysticos terrores dos homens primitivos, dos velhos guerreiros, assim da antiguidade como da edade média, e da philosophia extravagante de Aristoteles. Os porvindoiros escarnecerão talvez das nossas preoccupações, que as temos e bastas, a empanarem com sombras o brilho da sciencia.

Mas dêmos de mão a estas velharias, que, com serem pittorescas, são pouco scientificas, e vejâmos o que diz a eschola pythagorica, rival da aristotelica. Entrâmos em nova era, e vamos contemplar a aurora brilhante da astronomia scientifica dos cometas, aurora que, infelizmente, se dilatou por tantos seculos, baça e dubia, cortada de negras sombras, que só o grande genio de Newton desfez com a luz de seu genio potente.

Pythagoras affirmava que os cometas tinham movimentos analogos aos dos planetas, posto que descrevessem orbitas muito mais longas. Essa a razão por que só eram visiveis durante uma porção do seu trajecto, passada a qual perdiam-se, talvez para sempre, nas ráias do ceo visivel. Hippocrates de Chios, e Eschylo seguiram esta opinião grandemente verdadeira. Seneca, e Apollonio de Myndo consideravam os cometas como planetas muito afastados, que ficavam encobertos durante um certo espaço de tempo, visitando-nos de quando em quando, seguindo certas leis. Seneca affirmou tambem que em tempos futuros seria possivel predizer a volta periodica dos cometas, e esta prophecia, verdadeira intuição ingenita, só foi dado aos tempos modernos o realisal-a. E comtudo o proprio Seneca não póde forrar-se ao terror que os cometas espalhavam. Plinio, espirito superior, ás vezes sarcastico, relata com acrimonia, e chega mesmo a increpar a pusillaminidade dos astronomos do seu tempo, em cujo numero entrava Seneca.

Hipparco e Ptolomeu, dois luminares da bella eschola da Alexandria, que tanto fez em prol da sciencia, Hipparco, o que primeiro observou a precessão dos equinoxios e catalogou estrellas, e Ptolomeu, que ainda goza de tanta nomeada pelo seu systema do mundo, Hipparco e Ptolomeu nada disseram ácerca dos cometas, confundindo-os com os meteoros celestes, apparições sporadicas de natureza totalmente diversa.

(Continua) A. OSORIO DE VASCONCELLOS.

ABENÇOADA SEJA A FAMILIA!

(Conclusão. Vid. pag. 58)

X

Desde que Isabel e André se encontraram no caminho da fonte, e o segundo contou á primeira os seus pezares, deve ter chovido, a julgar pelas coisas novas que vamos encontrar em Cabia.

É um alegre domingo de primavera.

Cantam as avesinhas na ramagem que engrinalda a janella de João Palomo, e ninguem se mette com ellas; pelo contrario, a cerejeira que sombreia a porta de Antonio de Molinar diz-lhe em flórida linguagem: «aproxima-se o tempo em que na peninsula os artistas não morrerão de fome.»

Soára o primeiro toque de missa, e a maior parte dos moradores da aldeia vão chegando ao adro da egreja e ao nogueiral contiguo.

Uma duzia de rapazes diverte-se no adro; mas logo que sôa o signal de entrada na aula, eil-os que deixam os brinquedos para se dirigirem á aula.

O sr. prior sae de casa de João Palomo e encaminha-se para a egreja.

Os homens que fumam, sentados nos degraus do adro, tiram os cigarros da boca e os chapeos ou barretes da cabeça, assim que sua reverendissima se avisinha.

— Em que estado o deixa, sr. prior? — lhe perguntou Juancho.

— Não está de todo mal, porém já se vê, qualquer pequeno incommodo o leva ás portas da morte...

— Pouco vale o dinheiro a quem faltam outras coisas!...

— Certamente, disse o sr. prior entrando na egreja; o dinheiro é um pobre cavalleiro.

Duzia e meia de rapazes, formados em duas fileiras, saíram da eschola dirigindo-se para a egreja.

Atraz d'elles vem o mestre, grave e decentemente vestido. Os rapazes mostram-se buliçosos como quem lhes sorri uma esperança.

— Vamos, meninos, lhes diz o mestre, caminhem com proposito, que se dirigem á casa do Senhor e não a nenhuma romaria.

Os rapazes tornaram a entrar em fórma, e imitam na gravidade o sr. mestre.

Os homens que estão no adro, fumando, levantam-se como quando passou o reverendo prior,

— Bons dias, sr. mestre! — dizem todos.

— Bons dias, meus senhores, respondeu o mestre com amabilidade, mas sem deixar de todo a compostura propria do seu ministerio.

Juancho, que mal póde arrastar-se com o peso dos annos, aligeira quanto póde as pernas para alcançar o mestre, antes que este entre na egreja.

— Ouve lá, ó André, lhe diz, dá-me um cigarro d'esse tabaco bom que tu fumas.

— Já não fumo, respondeu o mestre, sem se incommodar com o pedido.

— Já não fumas? Desde quando?

— Desde que o conselho da parochia me auctorisou para substituir meu pae na eschola.

— Não eras fumante legitimo.

— Era, sim; mas como quer vossê que dê mau exemplo aos meus discipulos? O sacrificio é necessario.

— Tens razão, homem.

— Depois da missa vá vossemecê a casa, e diga a Isabel da minha parte que lhe dê todo o tabaco que ella guardou quando deixei de fumar.

— Deus dê muita saude a ti, a Isabel, a teu pae, ao filho que te vae nascer, e até ao gado da tua casa para que te ajude a ganhar.

— Obrigado, Juancho; vossemecê bem sabe que o estimâmos.

Juancho quiz responder ao senhor mestre, antes que este desapparecesse pela porta da egreja; mas a alegria afogava-o, e não proferiu uma palavra sequer.

O que menos o impressionava era a porção de tabaco que lhe iam dar!

— Vamos, balbuciou por fim, parece um sonho que haja saído tão commedido e tão homem de bem este André...

— Ó homem, disse um dos circunstantes, chame-lhe ao menos *senhor André!*

— Qual sr. André! quando sou mais velho quinze annos que o pae d'elle!... É verdade que deve haver mais ceremonia quando estão presentes os rapazes...

Soou o terceiro e ultimo toque da missa, e todos entraram na egreja.

Antonio de Molinar saíu tambem de sua casa com o rosto mais prazenteiro que se víra em Cabia, e entrou no templo.

Ao sair da missa, o mestre ordenou aos rapazes que saíssem da fórma e retirassem a quarteis; mas se os rapazes lhe obedeceram no primeiro ponto e não no segundo, alguma coisa os prende alli, pois não ha quem os arranque d'aquelle sitio.

O reverendo prior saía para almoçar; mas Antonio, que o estivera esperando, insta com elle e leva-o em sua companhia:

— Não faltava mais nada, que o sr. prior deixasse de nos acompanhar ao almoço!...

Momentos depois, Isabel e seu marido, ambos em trajo de festa, atravessam o nogueiral e entram tambem em casa de Antonio.

Que se passará em casa d'este, que todos se encaminham para lá, e até as avesinhas, que d'antes cantavam nas trepadeiras da janella de João Palomo, passaram á conhecida cerejeira, e n'ella executam uma peça das mais difficeis do seu repertorio?

Calem-se, porém, que appareceu caso novo! Os rapazes correm para a porta da casa de Antonio, gritando:

— Baptisado, baptisado!

Ha, com effeito, baptisado, porque Isabel traz nos braços uma creatura recemnascida, enfeitada com o primor que ideou a poesia das mães pobres. Ao seu lado caminham o reverendo prior, o sr. mestre e Antonio, que contempla com alegria de louco o rosto do menino ou menina, ainda que Isabel lhe diga:

— Tire-se d'ahi... nunca vi pae mais baboso!...

A vozeria dos rapazes parecia dizer ás aves:

— Vão com os canticos para outra parte!

Mas as aves cantavam cada vez mais, como replicando:

— Não devemos calar-nos em dia como este!

Já terminou o baptismo, e baptisado e baptisantes saem da egreja.

— Reverendo prior, disse Antonio, desejo que o sr. mestre, em commemoração d'este rapazinho que Deus me deu, lance aos ares um repique d'aquelles que elle sabe.

— Se elle quizer, terei n'isso muito gosto, respondeu o prior.

— E eu tambem, posto que não sáiba se esqueci já o officio, accrescentou o mestre tomando a escada da torre.

— «O sr. mestre vae repicar! o sr. mestre vae repicar!» é o boato que com a rapidez do vento percorre a aldeia, alvoroçando-a.

E todos perguntam, que é que o mestre fará dizer aos sinos.

O mestre começa o repique mais alegre, mais sonoro, e mais eloquente que nunca, e até os echos dos valles parece que estremecem com jubilo e repetem aquellas notas, cada qual com relação ás suas faculdades, como no theatro os espectadores repetem, com relação ás d'elles, as notas privilegiadas que resoam na scena:

A D. João dizia o mestre com a voz dos sinos:

— «Está moribundo D. João! está moribundo D. João!»

A Juancho:

— «É optimo o tabaco! é optimo o tabaco!»

A Isabel:

— «Ha de ser lindo o nosso filho! ha de ser lindo o nosso filho!»

A Feliciana e Antonio:

— «O vosso filho é como um sol! o vosso filho é como um sol!»

E aos rapazes de Cabia:

— «Teremos confeitos! teremos confeitos!»

E, com verdade, ha confeitos, porque Antonio chegou á janella gritando:

— Ahi tem!

E lança-lhes para o solo não sabemos quantos papeliços de confeitos e rebuçados, voltando em seguida a correr para dentro, para ver sua mulher e seu filhinho, que o pobre de Antonio não vê, quando menos, ha... seis minutos!

Mas, no meio do geral alvoroço, Antonia, que ha um instante saíra de sua casa para a immediata de D. João Palomo, andava apressada em procura do reverendo prior e do cirurgião, que correm immediatamente á casa do abastado proprietario.

— Que novidade ha? Que succedeu? — perguntam todos.

— Que o pobre D. João morre! Ouvi-o gritar de minha casa: — «Roubam-me, roubam-me! Deixam-me fallecer como um cão! Visinhos, visinhos, não ha quem se compadeça da minha solidão e desamparo!» — E vim correndo: encontrei o pobre D. João agonisante, e os criados, sem fazerem caso d'elle, dizendo com espantosa placidez «que não quebra vaso ruim!»

O prior e o cirurgião entraram no quarto do enfermo, a quem viram com effeito na derradeira lucta com a morte.

— Como está, sr. D. João! — lhe perguntaram.

D. João fita n'elles os olhos turvos e attonitos, e faz supremo esforço para lhes responder.

— Morro! — balbuciou por fim... Abandonado! só!... roubado aos proprios olhos!... Vi os meus criados tomarem debaixo da almofada as chaves das gavetas... e apoderarem-se do meu dinheiro e das minhas joias!...

— Socegue, disse o cirurgião, e vejâmos se podêmos remediar o mal.

— O mal do meu corpo não tem remedio! Tel-o-ha o da minha alma, reverendo prior?

— Tem, de certo, sr. D. João; porque Deus deu á religião balsamo para curar todas as feridas da alma.

— Ó reverendo prior! não me desampare a alma, que em breve deixará o corpo.

O prior ficou só com o enfermo no quarto, convertido em tribunal de penitencia.

Abriu-se pouco depois a porta do quarto, e o prior annunciou que o moribundo deseja dirigir o ultimo adeus a todos os visinhos de Cabia.

Muitos d'estes, que tinham já regressado para casa dos trabalhos do campo, aproximam-se verdadeiramente commovidos.

D. João está mais tranquillo; no seu rosto, antes desconcertado e sinistro, respira a doçura, a paz ineffavel, e a santa benevolencia dos justos.

— Meus amigos! — exclamou o moribundo; perdoae-me na hora suprema, porque fui muitas vezes injusto para comvosco...

Um grito geral de misericordia resoou na habitação entre soluços.

— A minha maior culpà n'este mundo, continuou D. João, cada vez mais fraco, foi ter renunciado a familia em que vós encontraes a felicidade. Procedeu d'esta culpa as que me perderam para o mundo, e, se Deus não fosse tão misericordioso, tambem me perderia para o ceo; mas agora, em presença de Deus, o reconheço e me arrependo. Abençoada seja a familia!...

— Abençoada seja! abençoada seja! — responderam todos os circunstantes derramando sinceras lagrimas.

E a alma de D. João exhala-se ao som d'aquelle côro de bençãos.

BRITO ARANHA.

RESPOSTA DE PHILOSOPHO NA BOCA DE UM REI

Conversando varios fidalgos no paço del-rei D. Pedro I ácerca dos heroes da antiguidade, começaram a exaltar a grandeza e magnificencia com que eram celebrados os seus triumphos. Passando depois a comparar esses tempos heroicos com a epocha em que viviam, concluiram que o throno já não tinha esplendor, e que a realeza ia perdendo, por essa razão, o seu prestigio.

N'este momento entrou D. Pedro I na sala em que isto se passava, e, como ouvisse a conclusão, quiz saber a que proposito vinha. Expozeram-lhe logo toda a conversa, mas, quando esperavam ser applaudidos pela consequencia logica que haviam tirado, receberam do monarcha esta resposta, digna de um grande philosopho: «Quando Cesar entrava triumphante, puxavam pelo seu carro quarenta elephantes; pela carroça de Marco Antonio puxavam leões; pela de Aureliano quantidade de veados; e isto, uma de duas, se era verão, mais poeira; e se era inverno, mais lama. E estas são as vaidades do mundo: ou muito lodo, ou muita poeira.

I. DE VILHENA BARBOSA.